

A aplicação de termos estrangeiros norte-americanos no cotidiano dos brasileiros

Autores:

Rafael Jacson da Silva Carneiro

Mestre em Teologia e coordenador na Zao Atendimento Neuropsicopedagógico

Gilkid da Silva Oliveira

Graduado em pedagogia pela UNIFAEAL

Jakelyane do Socorro das Neves Barbosa

Licenciada em Letras - Português, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Análise Literária

Natalina Vieira Nojosa

MBA em Desenvolvimento Profissional, graduado em Tecnologia de Processos Gerenciais

Vinícius Cruz de Oliveira

Graduação em processos gerenciais, Faculdade Multivix. Supervisor Multivix

DOI: 10.58203/Licri.83239

Como citar este capítulo:

CARNEIRO, Rafael Jacson da Silva et al. A aplicação de termos estrangeiros norte-americanos no cotidiano dos brasileiros. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 245-259. v. 1.

ISBN: 978-65-999183-2-2

Resumo

Este artigo foi desenvolvido na perspectiva de identificar como a cultura brasileira é influenciada de diversas maneiras, oriundas de diferentes povos e dentre eles, pode-se destacar a cultura norte-americana, que detém forte influência no Brasil, em termos de linguagem, celebrações típicas, música, vestimenta, dentre outros. suas. O estudo bibliográfico apontou que a influência americana é tão forte que, atualmente, se encontra intrincada na cultura brasileira de forma que as pessoas aparentemente não ligadas com a língua inglesa, estão indiretamente envolvidas com esse idioma e sua cultura. considerando o fato de que a língua e seus elementos estão presentes a todo momento e em todos os lugares na sociedade atual. O objetivo deste estudo foi investigar algumas formas de influência na linguagem através de termos que chamamos de estrangeirismo. A partir disso possibilitou conhecer um pouco sobre a influência principalmente no vocabulário dentre as mais variadas que a cultura americana impõe de forma abrangente sobre a brasileira

Palavras-chave: Estrangeirismo. Língua portuguesa. Cultura americana. Identidade.

INTRODUÇÃO

O Estrangeirismo é um vício de linguagem que corresponde a utilização de palavras estrangeiras. Algumas vezes, esses termos são incorporados ao léxico do idioma (dicionários), dependendo de sua utilização pelos falantes da língua. Para muitos estudiosos da área, o uso demasiado de palavras estrangeiras causa um problema de descaracterização da língua, enquanto outros acreditam que esse processo é natural, uma vez que língua está o tempo todo se modificando.

A inclusão de palavras estrangeiras no vocabulário pode ocorrer por motivos históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais, dentre outros. Um exemplo disso, é a expansão da tecnologia, o que levou ao surgimento de diversos novos termos no vocabulário da língua portuguesa, sobretudo, provenientes da língua inglesa.

A invasão cultural norte-americana no Brasil processo iniciado a mais de meio século tem contribuído para que nos distanciamos de nossas raízes culturais nossa identidade nacional da percepção da riqueza de nossa diversidade regionais e da conscientização dos nossos reais interesses como cidadãos brasileiros inclusive a nação ao desenvolvimento econômico e também social (ALVES, 2004. p. 23).

Qualquer estrangeiro por exemplo vindo de países centrais europeus de recém-chegado ao Brasil perceberia claramente nossa condição de colônia cultural dos Estados Unidos. Observem a isso nas marcas de roupas veículos eletrodomésticos e cigarros nos dizeres das camisetas no nome de alimentos produtos de limpeza lojas bares nas palavras que consta no nosso vocabulário habitual, nas programações musicais das emissoras, de rádio nos filmes e programas de TV, nas revistas nos brinquedos etc.

No entanto, impregnados da cabeça aos pés por dentro e por fora a cultura norte-americana nós mesmos brasileiros não percebemos como reflexo do processo de invasão cultural que estamos sofrendo há mais de meio século. Autores que nortaram a pesquisa (ALVES, 2004), (HALL, 2011), CANDAU (2000; 2002), FORQUIN (1993) entre outros.

O objetivo deste artigo é abordar sobre a influência da cultura americana no Brasil e a atuação principalmente na língua a qual damos o nome de estrangeirismo, onde se tornou objeto dessa pesquisa.

A IMPORTAÇÃO DO ESTILO DE CONSUMO DOS NORTE-AMERICANOS (AMERICAN WAY OF LIFE)

A cultura norte americana por sua influencia e abrangencia através dos meios de comunicação de massa e da mídia, conseguiram influenciar diversas culturas principalmente por meio do cinema com suas produções Hollydiana, um dos canais que mais mostrou aspectos relacionados ao Inglês Americano e o modo de vida de seus falantes, o chamado American Way Of Life, evidenciado por Hollywood. Essa interessante e chamativa propaganda favoreceu os yankees, especialmente levando-se em conta a força econômica do país.

Difícil ou não, o fato é que o mundo continua a se apropriar de palavras e frases em inglês. No Brasil, um cem número delas já faz parte do nosso cotidiano. Depois de um dia participando de um workshop com umexpert em top marketing, quem não gosta de um drink na happy hour no seu bar preferido, mesmo tendo que enfrentar a hora do rush? E quando chegar ao seu flat, você vai provavelmente pendurar o seu blazer no closet do master suite, depois de tirar alguma coisa do freezer, talvez uma comida light ou diet e deixá-la descongelando enquanto você, de shorts, relaxa no living tomando o seu scotch e se diverte com o seu talk-show favorito na TV. (GODINHO, 2001, p.15)

O texto de John Godinho evidencia que o português brasileiro não foge à regra, pois muitos dos termos e palavras inglesas fazem parte do cotidiano do brasileiro o instigando a adotar o modelo norte-americano de ser, pensar e agir. O referido fragmento é um indício de que os canais americanos, seriados, música e cinema vendem uma imagem ou um modelo a ser seguido ditando ao mundo o que se deve fazer e com isso influenciando a cultura global. Por outro lado, Júlia Alves traz uma questão interessante quanto à identidade cultural:

O processo de dominação pode despertar um sentimento de inferioridade e autodesprezo e, conseqüentemente, o desejo de ser diferente do que somos, porque acreditamos que “ser bom é parecer como invasor”. Um povo que resiste ao domínio, ao contrário, reflete sobre ele, problematiza e questiona o processo de invasão, a ele contrapondo uma identidade

cultural positiva que lhe propicia o reconhecimento dos seus verdadeiros interesses, potencialidades e valores nacionais. Esse povo se reconhece então como “o outro”, ele mesmo, diferente, mas não inferior ao dominador. (ALVES, 2012, p.112).

Cada país possui uma identidade cultural e tem suas características indelévels. O Brasil, por exemplo, é lembrado por sua tradição carnavalesca, bossa nova e MPB. É conhecida como uma terra tropical dotada de belezas naturais, em queo principal cartão postal nacional - a cidade maravilhosa do Rio de Janeiro -, atrai diversos turistas para conhecerem o famoso Cristo Redentor. Essa seria a identidade cultural positiva ressaltada no fragmento acima, contudo o poder acaba sempre falando mais alto e, por meio do atual recurso dominante chamado tecnologia, é capazde influenciar o brasileiro, que acaba por desvalorizar as suas próprias raízes ao desejar ser como o invasor. Uma vez conquistada, a colônia se deixa levar e consome, desfruta dos produtos e de toda a criação do conquistador, não percebendo, assim, que existe uma coletividade que pode ser tão criativa quanto aos outros.

A influência norte-americana começou no campo econômico após a Segunda Guerra Mundial em que durante o governo de Getúlio Vargas o capital norte- americanos sob forma de empréstimos e equipamentos, estabelecimento de subsidiárias, assistência técnica contribuiu para com o desenvolvimento industrial do Brasil.

Além disso, a importação de filmes, músicas e quadrinhos dos EUA não paroude crescer desde os anos 1930, e se fortaleceu principalmente durante as décadas de 1970, 1980 e 1980. A presença do inglês na vida do cidadão brasileiro é maciça e constante no vestuário, no setor automobilístico, nas músicas mais tocadas no rádio, ou disponibilizadas pelo meio cibernético e nos filmes em cartaz nos cinemas, ou nos filmes exibidos pelas TVs por assinaturas ou até mesmo naqueles disponíveis em serviços como por exemplo, o Netflix.

Pode-se dizer que existiram quatro grandes fases nas quais os governos dos Estados Unidos buscaram consolidar sua influência sobre os países latinos, o que envolve o Brasil. Um primeiro momento compreende o tempo entre 1823-1889, quando há uma tentativa de consolidação deste poder na esfera regional. Este momento prpunha a partir da Doutrina Monroe, com o lema “a América para os americanos”. Uma das medidas era a promoção do comércio entre os países americanos, visando consolidar a hegemonia Americana e afastar o poder europeu do continente.

O segundo momento se estendeu entre 1889-1945, quando as ideias de Theodore Roosevelt predominaram na América. Este, defendia uma intervenção militar dos Estados Unidos na América Latina, visando consolidar o poder estadunidense. A política da época foi denominada como “Big Stick” (grande porrete). Em 1933, no entanto, assume o mandato Franklin Delano Roosevelt, o que ficou até 1945 e mudou os rumos das relações estadunidenses com os demais países da América.

Ele implantou a “Política da Boa Vizinhança”, deixando de lado o autoritarismo anterior. A nova política teve como base a consolidação do poder estadunidense por meio do fortalecimento da política externa, sobretudo porque os Estados Unidos precisavam mercado consumidor externo, bem como fornecedores de matéria-prima.

A terceira fase da consolidação estadunidense na América foi durante o contexto da Guerra Fria, aproximadamente entre 1947 e 1989. O contexto representou a disputa por poder mundial entre os EUA e a União Soviética, numa clara disputa também ideológica entre capitalismo e socialismo. Nesse interim, os Estados Unidos apoiaram várias intervenções em países americanos, inclusive no Brasil antes durante a Ditadura Militar. O período foi marcado pelas tensões políticas, e neste momento a presença estadunidense no Brasil também alcançou em maior grau a produção cultural, sobretudo por meio dos filmes hollywoodianos.

Pela influência dos Estados Unidos, a televisão chega ao Brasil e apresenta aos brasileiros um novo modo de vida, o estilo de vida norte-americano. As relações comerciais brasileiras com os Estados Unidos se intensificam, tornando os EUA um dos principais parceiros comerciais do Brasil, modificando a conduta brasileira que até então era de maior proximidade comercial com a Europa. A partir dos anos de 1970, o Dólar se impõe como moeda hegemônica para as trocas comerciais no mundo, afetando dessa forma a economia brasileira nas décadas subsequentes.

O quarto momento de consolidação do poder estadunidense na América ocorre no período após a Guerra Fria, de 1989 em diante. A dissolução da União Soviética consolidou o poder estadunidense no mundo enquanto potência hegemônica e ampliou a expansão do capitalismo e influenciou a política econômica brasileira dos anos 1990. O consumo de produtos estrangeiros no Brasil se faz presente até os dias atuais por vários motivos, sobretudo por questões culturais que estão relacionadas com os hábitos de consumo. Os brasileiros foram por décadas expostos a um modo

de vida pautado em consumo, próprio do estilo de vida norte-americano (Estados

Unidos de modo mais singular), com isso, pode-se dizer que injetaram tão maciçamente as ideias advindas da indústria cultural bem como sua influência na vida das pessoas.

define a invasão cultural como a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo-lhes sua visão de mundo e impedindo a visão, a criatividade, a originalidade e a expansão de suas culturas. (FREIRE, 1987, p 23)

Hoje a principal invasão que o Brasil sofre é a estadunidense. Esta intensificou-se após a 2ª Guerra Mundial, quando aqui estávamos no governo de Getúlio Vargas, na corrida pelo desenvolvimento industrial. Os Estados Unidos, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, uma investida em ampliar o consumo, visando a reconstrução econômica internamente. A partir desta reestruturação econômica a produção industrial volta-se ao mercado externo, onde estão países com potencial consumidor. Apresenta-se para estes, especialmente através das telas dos televisores e do cinema, a cultura do consumo e o estilo de vida estadunidense.

A presença do ensino da língua inglesa no território brasileiro também é elemento importante, já que cria um sentido de aproximação, identificação cultural e simbólica que traz uma carga cultural estadunidense. Essas noções que foram introjetadas estão presentes até os dias atuais pois são uma construção cultural perpetuada ao longo de décadas. (RIBEIRO, 1972, p.45):

afirma que: "[...] cultura é a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos padronizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das reações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para ação".

De acordo com RIBEIRO (1972), o referido autor converge na ideia de que embora a cultura seja um produto da ação humana ela é regulada pelas instituições de modo que se lapida a ideia a ser manifestada segundo os interesses ou valores de crenças de determinado grupo social, a cultura segundo ela também é uma herança que se resume em um conjunto de saberes que são perpassados através das gerações, saberes estes

manifestados e experimentados.

Essa influência é parte da construção identitária cultural do Brasil como nação. Não se pode dizer que ela seja negativa ou positiva, ela é um fato que está presente e que no cotidiano as pessoas nem sempre percebem (vide as camisetas estampadas com termos em inglês, *trademarks*, *self-service*, *game*, redes sociais como Facebook, Twitter). Não há, portanto, uma aculturação ou algo do tipo. O que ocorre é que essa sensação de identificação com a cultura estadunidense pode passar ao brasileiro uma sensação de subjugação, como se o Brasil não tivesse uma cultura própria.

Darcy Ribeiro, no livro “O povo brasileiro” fala sobre a formação identitária do Brasil. Ele apresenta que o brasileiro é fruto da miscigenação de três grandes matrizes culturais, que são o indígena (vários povos que já habitavam o território brasileiro antes da chegada dos europeus); o africano e o europeu (portugueses e espanhóis). Os demais povos chegaram ao Brasil depois e trouxeram igualmente sua cultura. Assim, entende-se que o povo brasileiro é constituído pelos muitos sujeitos que chegaram nestas terras e que trouxeram aspectos de suas origens.

Obviamente que no caso dos Estados Unidos o processo de introjeção cultural no Brasil foi um pouco diferente, porque ocorreu por motivações específicas, sobretudo a consolidação de um poder hegemônico. No entanto, dizer que isso é negativo é questionável. O brasileiro não perde sua cultura, mas assimila novos aspectos culturais diante desta intervenção. Ocorre também um processo de resistência quase que dialético, pois essa influência cultural estadunidense cria nos brasileiros - ainda que subjetivamente - um processo de repulsão diante dessa cultura que vem imposta ou como persuasão. Há, neste sentido, uma reafirmação cultural que varia em cada grupo social (exemplo: resistência da cultura germânica e italiana no Sul; resistência quilombola; resistência dos povos indígenas; etc.).

Neste caso, uma visão positiva ou negativa é muito subjetiva. Quando ocorre a incorporação de elementos culturais externos a um determinado povo, se obtém em contrapartida um processo de reafirmação da identidade previamente existente, assim como a criação de novas tradições que venham a reafirmar as identidades locais, ainda que muitas vezes mescladas com elementos exteriores.

Essa influência veio sobretudo pela indústria cultural. O cinema estadunidense é um dos mais estruturados do mundo, especialmente pela quantidade de capital que está investida nele. Foi esse cinema que apresentou ao mundo a suposta “vida perfeita” com

base em consumo dos estadunidenses. Em geral, quando nos dedicamos às horas de lazer,

consumimos produtos culturais que em sua maior parte são norte-americanos. São exportados para outras nações, incluindo a nossa, para faturamento de lucros suplementares, uma vez que o consumo interno já seria suficiente para cobrir seus custos e garantir lucros para as empresas. É por isso que muitos deles chegam até nós depois de intensamente consumidos nos *States* já superados lá por outros mais atualizados, o que verificamos facilmente observando, por exemplo, as datas das tirinhas, de algumas histórias em quadrinhos ou filmes que passam em nossa TV. Influenciando modos de pensar e proceder, esse “lazer importado” adquire importância equiparável ou até superior à dos elementos brasileiros na formação de nossa identidade cultural, compondo uma outra face da nossa própria nacionalidade. (ALVES, 2004.P23)

Uma das formas de observarmos isso é ao ligarmos o rádio, a TV, ao lermos os jornais, ao irmos ao cinema. Há duas questões, uma concreta e uma simbólica. A parte concreta da questão está relacionada ao próprio comércio de produtos e serviços. Considera-se isso ao se afirmar que a cultura americana está em toda parte, pois as principais redes sociais, serviços de streaming, os filmes mais famosos, atores mais influentes, livros de grande venda mundial e o próprio ativismo, são em grande medida originados nos Estados Unidos. A parte simbólica é aquela que faz com que as pessoas acreditem que tudo o que vem dos Estados Unidos é de qualidade, é bom e confiável que deve ser visto ou usado.

O poder de influência sutil foi construído ao longo de décadas de relações entre os Estados Unidos e os demais países do mundo. Estas forças subjetivas que transformam o pensamento social nem sempre são facilmente detectadas, mas estão presentes e moldam o comportamento social. No âmbito político esta influência sutil se revela em acordos bilaterais, no sentido da criação de políticas conciliadoras que são elementos de introdução de valores culturais em uma sociedade. O marketing direcionado conforme preferências e interesses dos usuários (algoritmos), ferramenta das corporações do mundo digital (que são norte-americanas) está na base hoje desse poder simbólico que reforça aspectos culturais estadunidenses pelo mundo.

Um bom exemplo desta influência são os seriados e filmes que tem grande audiência

em países estrangeiros. O sucesso de programas como *The Walking Dead*, *Simpsons*, *Desperate Housewives* e *Breaking Bad*, além de filmes como *Avatar*, *E o Vento Levou* e *Titanic*, são ícones da boa aceitação da cultura americana em outras nações.

Essa influencia dar-se-á também no mundo político, com os acordos diplomáticos entre Brasil e Estados Unidos continuam ocorrendo e estimulam, as trocas comerciais e culturais dos dois países. Eles permitem que os Estados Unidos continuem influenciando decisões e hábitos brasileiros. Há uma vertente ideológica neste poder sutil e que se estabelece no alinhamento de políticas estabelecidas pelo governo estadunidense e o governo brasileiro. Essa vertente ideológica também está presente principalmente nas potências ocidentais, pois se relaciona com a hegemonia da produção capitalista e na influência deste nos papéis que cada país possui no mercado global. Por motivos históricos os EUA ainda mantêm certo controle tanto político (diplomático) quanto militar, influência nos órgãos de governança global e disputa mercados com as novas potências orientais.

A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2011 p 06)

As transformações envolvidas na modernidade atual são muito mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. A cultura nacional é uma das mais fortes representações políticas. O sentido de nação produz um enorme efeito sobre os indivíduos, criando assim uma identidade nacional.

A grande responsável por toda a disseminação da cultura norte-americana no mundo é, sem dúvidas, a globalização. A partir de seu advento, o mercado de consumo e os setores de grandes negócios foram interligados e geraram empresas ou multinacionais de vasto reconhecimento e valor. Ao caminhar no parque, nos deparamos com pessoas se exercitando ao vestir camisetas da GAP enquanto correm com o som de Guns N' Roses em seu iPod. Em seguida, vemos grupos saindo e entrando de seus Ford KA e EcoSports, todas impregnadas (ainda que sem saber) do reflexo de invasão cultural que estamos sofrendo há mais de meio século.

A indústria musical e o cinema dos Estados Unidos abordam diversos aspectos, desde linguísticos até raciais, de gênero ou étnicos, que segundo Alves (2012), são as armas

mais eficazmente utilizadas por eles nos últimos 70 anos, mas ainda assim não desejamos eliminá-las de nossas vidas, pois a cada dia nos apropriamos e aceitamos ainda mais o que nos é oferecido. Essa troca cultural é capaz de nos trazer muitas coisas boas que agregam conhecimento e inovação, e isso nos torna uma colônia cultural reconhecida por eles.

Dessa maneira, sem que os norte-americanos se apropriassem do nosso território, tivessem que vir pessoalmente até o Brasil ou destruíssem fisicamente seus habitantes, como no passado fizeram os portugueses, passamos a sofrer quase o mesmo processo de invasão, dominação e colonialismo cultural experimentado pelos índios após 1500. Tratava-se agora de uma “invasão teleguiada”, sem a presença do invasor, que, mesmo lá da América do Norte, fazia chegar até nós seus produtos culturais. (ALVES, 2012), p. 21.

Ainda assim, é substancial que o brasileiro reconheça que ele também possui a sua própria identidade cultural, os seus modos, as suas preferências. Tais características são as responsáveis por promover o reconhecimento de um outro povo.

A INFLUÊNCIA AMERICANA NA LÍNGUA PORTUGUESA

Americanização é o termo utilizado para designar a forma como os Estados Unidos influenciam culturalmente outras nações de modo a substituir costumes de uma cultura específica pelos da cultura norte-americana ou quando há a junção destes. No caso desta influência ocorrer de forma voluntária, a palavra ganha conotação positiva. Porém, quando ocorre de forma imposta, ganha conotação negativa. Um fator fundamental para que a cultura dos EUA se imponha sobre as outras é o seu grande poder de desenvolvimento econômico, o maior em escala global. Um bom exemplo são os canais televisivos que com suas formas de aplicar o estilo de vida americano perpassam por essas mídias.

Isso é notável por conta que as redes de televisão do país têm transmissões para o mundo inteiro, conceitos, de valores e manifestações culturais acabam ganhando mais notoriedade por conta disso. A exemplo disso, têm-se as multinacionais e as marcas criadas nos EUA como Coca-Cola, McDonald's, entre outras, aparecem tanto nas

propagandas que tornam estes produtos parte do nosso cotidiano. Além disso, os EUA contam com uma das mais poderosas indústrias cinematográficas, expondo seu modo de vida e ideologia por todo o globo. A maior influência da cultura americana começa com os jovens, que veem no modo de viver americano (american way of life) uma proposta de vida empolgante. Desta forma, são os mais receptivos a modas, artes, entre outras características da americanização. Entretanto, pessoas com certa idade podem apresentar mais filtros em relação a este processo, sendo menos influenciáveis e valorizando uma cultura adquirida antes do boom americano dos anos 50, quando, após a Segunda Guerra Mundial, os EUA fizeram forte campanha midiática de sua cultura para ofuscar aos ideais da URSS no ocidente.

Um dos componentes considerado o mais importante do processo de americanização é a divulgação maciça através da mídia, o que inclui música, filmes e programas de TV, etc. Praticamente todos os canais norte-americanos possuem sucursais em outras nações e praticamente não alteram a programação, continuando a produzir a mesma grade transmitida nos EUA com pequenas modificações. Um bom exemplo desta influência são os seriados e filmes que tem grande audiência.

A nossa língua nativa tem se apropriado de muitas expressões originárias do inglês, essa adoção se dá no nosso cotidiano e no ambiente profissional. Em 1928, Oswald Andrade já havia levantado o seguinte questionamento: “tupi or not tupi: that’s the question”, trazendo dúvidas do porque os brasileiros utilizavam palavras de outras línguas. Também temos a lei PL 1676 apresentada em 1999 (BRASIL, 1999), que dispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa, além de outras providências, como a restrição ao uso de palavra em Língua Estrangeira ou “estrangeirismo”.

Além das expressões adotadas na fonologia, temos exemplos diários de palavras escritas já incorporadas à nossa língua, como shopping center, scanner, marketing, entre outras. O Professor Bernardo Bueno, que ministra a disciplina de Escrita Criativa, promovida pela Escola de Humanidades, acredita em dois motivos: “o primeiro por ser no sentido de legal, bacana, popular e ligado com tendências mundiais, o outro é por ver o estrangeirismo como um atalho, que resume uma ideia em português que seria mais complicada, ou uma grande palavra que pode ser resumida por uma palavra inglesa de menor tamanho”. Pelos dois pontos de vista, afirma o docente, o uso de termos são bons, em razão do contato com diversas culturas e acesso a músicas, filmes e séries americanas que influenciam culturalmente no Brasil. O professor acredita que a língua

portuguesa é rica e essa apropriação não se dá por falta ou lacuna da nossa língua, e sim por facilidades e influência social, pois o nosso idioma é riquíssimo.

O estrangeirismo não é visto como uma novidade, pois, antes de termos essa influência linguística do inglês, já nos apropriávamos do francês e do latim. Essa apropriação pode ser entendida como uma ocorrência em todas as línguas. A adoção desses estilos não pode chegar a um extremo ou até mesmo ao exagero, para que não haja uma desvalorização do nosso dialeto, pois o excesso pode alcançar um ponto preocupante. Atualmente percebemos uma grande conexão das áreas de comunicação e negócios com a língua americana, as expressões são citadas a todo momento, havendo conexão entre esses públicos e a língua. O novo vocabulário é absorvido e utilizado no dia a dia, como se fosse uma grande mistura linguística de português e inglês.

O diálogo com outras línguas não deve ser censurado ou visto como algo ruim, mas sempre devemos refletir sobre o uso, e pensar também na adoção e desenvolvimento de outros idiomas. Nota-se que o estrangeirismo já faz parte da nossa cultura. O momento atual é de grande crescimento desse fato, as organizações e universidades estão investindo fortemente na internacionalização, inclusive deixando os indivíduos mais confortáveis para falar e escrever em inglês.

A língua portuguesa conta com um grande número de palavras estrangeiras, sobretudo, de origem inglesa (denominada “anglicismo”). Isso porque a língua inglesa é muito influente, sendo considerada a língua mundial dos negócios e as tecnologias. Ou seja, ainda tem a premissa de que a maioria dos vocábulos da língua portuguesa são de origem latina, grega, árabe, espanhola, italiana, francesa ou inglesa. Palavras como hot-dog (cachorro quente), show (espetáculo), bacon (toucinho), mouse (computador) são palavras estrangeiras em que não ocorreu o “aportuguesamento”. Entretanto, há termos em que o processo de aportuguesamento é notório, ou seja, a adaptação das palavras para o português, por exemplo: Futebol (do inglês football); Basquetebol (do inglês basketball); Abajur (do francês abat-jour); Sutiã (do francês soutien); Batom (do francês bâton); Bege (do francês beige); Bife (do inglês beef); Esporte (do inglês sport).

De modo geral, é impossível negar a influência que os Estados Unidos exercem no Brasil, assim como em outros países. Entretanto, vale ressaltar que apesar da apropriação dos elementos culturais, os hábitos e as características do povo brasileiro, permanecem em sua essência. Por exemplo, por mais que no Brasil se comemore o Halloween, festa tipicamente americana, as tradições brasileiras permanecem enraizadas e a coexistência

de diferentes culturas em um mesmo local, não representa uma perda da cultura nacional. Pelo contrário, as pessoas se beneficiam dos elementos culturais brasileiros e americanos, o que faz com que se desenvolva uma cultura muito mais diversificada e abrangente, que não exclui nenhum aspecto característico de um país ou de outro, apenas adiciona elementos que já fazem partedo dia a dia dos brasileiros, e que muitas vezes de tão arraigados, passam despercebidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A influência que os americanos conseguiram exercer sobremilhares de pessoas de diferentes nacionalidades representa todo o poder político e econômico desta nação que possui uma história impressionante de conquistas e de busca pela identidade, e acima de tudo é extremamente nacionalista, pois valoriza muito a pátria e a cidadania americana.

É fato que os brasileiros foram amplamente influenciados pela cultura e hábitosnorte-americanos, o que pode ser comprovado por palavras originárias da língua inglesa que foram incorporadas ao cotidiano das pessoas no Brasil e foram inseridasem um contexto da língua portuguesa. Além disso, o vestuário e os hábitos alimentares, por exemplo, também sofreram alterações significativas ao longo do tempo, sendo que atualmente tem-se uma imersão na moda ditada pelos norteamericanos, através da mídia.

Dessa maneira, percebe-se através deste estudo que os Estados Unidos continuam influenciando decisões e hábitos brasileiros tanto que chegaram até no vocabulário e léxico. Há uma vertente ideológica neste poder sutil e que se estabelece no alinhamento de políticas estabelecidas pelo governo estadunidense e o governo brasileiro. Essa vertente ideológica também está presente principalmente nas potências ocidentais, pois se relaciona com a hegemonia da produção capitalista e nainfluência deste nos papeis que cada país possui no mercado global. Por motivos históricos os EUA ainda mantêm certo controle tanto político (diplomático) quanto militar, influência nos órgãos de governança global e disputa mercados com as novaspotências orientais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Julia Falivene. A invasão cultural norte-americana. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.
BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

CANAU, Vera (org.). A didática em questão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

CANAU, Vera (org.). LÉLIS, Isabel. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANAU, Vera (org.). Rumo a uma nova Didática. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 49-63.

CANAU, Vera (org.). Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Educação. Porto Alegre, v.37, n.1, jan./abr., 2014, pp.33-41.

CARTA, Gianni. Carta Capital. Entrevista Internacional: EUA e Israel: protegidos por Deus?

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. 6 ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GODINHO, John D. Once upon a time um inglês: a história, os truques, e os tiques do idioma mais falado do planeta. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001. Cap. 04, pag. 69-75.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Marcondes ,Fernando Suda; Bueno ,Luana da Silva; Santos ,Vanessa Zanelato dos. O IMPACTO DA INVASÃO NORTE-AMERICANA NO ASPECTO CULTURAL BRASILEIRO. Revista Pandora Brasil - Nº 83 - Junho 2017 - ISSN 2175-3318 - "Letras em Foco".

SILVESTRE, Armando. Infoescola: Navegando e Aprendendo Puritanismo.

FREITAS, Eduardo. EUA: Maior Potência. Disponível em: . Acesso em: 16/10/2022.

FREITAS, Eduardo. EUA: Influência cultural, econômica e política.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

ALVES, Rejane de Oliveira; MOURA, Maria da Glória Carvalho. Formação de professores

da educação de jovens e adultos. In: Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) - versão on-line, n. 12 (jan. - jun. 2012), Feira de Santana - BA (Brasil), jun./2012. p. 110-122.

TOTA, Pedro Antonio. O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da segunda guerra, São Paulo: Cia das Letras, 2000.

VOLPI, Alexandre. A história do consumo no Brasil: do mercantilismo à era do foco no cliente. Rio de Janeiro: Else.